



*Pela Salvaguarda e Protecção
dos Patrimónios!*

OS PERSONAGENS HOMÉRICOS NO QUOTIDIANO LUSITANO

HOMERIC PEOPLE IN THE ROMAN EPIGRAPHY OF LUSITANIA

José d'Encarnação

Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras
Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património
Rua Eça de Queiroz, 89
Pampilheira
P – 2750-662 Cascais
ide@fl.uc.pt

Os Personagens Homéricos no Quotidiano Lusitano

José d'Encarnação

Historial do artigo:

Recebido a 05 de maio de 2019

Revisto a 10 de junho de 2019

Aceite a 05 de julho de 2019

RESUMO

Depois de se dar sucinta conta do interesse do livro de Pierre Carlier (1949-2011), *Homero*, mostra-se como há nos antropónimos patentes na epigrafia romana da Lusitânia Ocidental reflexos claros do mundo homérico, mormente no meio servil e de libertos. A pesquisa levada a efeito acerca da ocorrência do nome *Helene* a nível peninsular pode ser, nesse aspecto, encarada como estudo de caso.

Palavras-chave: Homero, Poemas homéricos, antroponímia grega, epigrafia.

ABSTRACT

After a brief note about *Homero*, book of the Professor Carlier (1949-2011), an analysis of the anthroponomy revealed by epigraphic monuments of the Occidental Roman Lusitania shows clear reflexes of the Homeric world, almost in the circle of slaves or freemen. The occurrence of the name *Helene* may be considered as case study.

Key-words: Homero. Homeric poems, Greek anthroponomy, Roman Epigraphy

In memoriam de Pierre Carlier

(1949-2011)

1. Introdução

Itineravam os estudantes no decorrer da Idade Média, buscando nesta ou naquela Universidade renomados mestres de saber especializado. Itinerantes eram também os poetas e os músicos, animadores de cortes e palácios, à semelhança, aliás, dos aedos de tempos homéricos e não só.

Renovou o programa ERASMUS essa tradição, enriquecedora de estudantes e de docentes. Foi Pierre Carlier (1949-2011) um dos que mais entusiasticamente abraçou essa possibilidade, despertando por toda a parte redobrado interesse pelo estudo de uma época amiúde postergada por quantos imaginam poder entender-se a Cultura actual sem se conhecerem os mitos imorredoiros da gesta troiana ou as peripécias de um Ulisses, figura em que, afinal, todos acabamos por nos rever, tão paradigmáticas as suas errâncias se revelam.

E esse legado pré-helénico não teve eco apenas na Europa, herdeira privilegiada do saber clássico: estendeu-se à América do Sul, por via de portugueses e de espanhóis.

Não admira, pois, que a síntese da investigação levada a efeito por Pierre Carlier sobre Homero haja merecido tradução em língua portuguesa com vista à sua divulgação em Portugal e no Brasil (Carlier, 2008).

Como não pode causar admiração que, já em tempos romanos, na Península Ibérica, as inscrições revelem a adopção, por parte da população residente, de antropónimos colhidos nos relatos homéricos.

Neste âmbito, ocorrerá interrogarmo-nos, desde já, se tal adopção corresponderá – ou não – a simples moda sem grande conteúdo cultural envolvente.

Não acredito, de facto, no que à actualidade diz respeito, que, v. g., a atribuição do nome Aquiles a uma criança implique obrigatoriamente amplo conhecimento da *Ilíada* por parte dos pais. O ‘mecanismo’ a que obedece a escolha do nome é, como se sabe, extremamente complexo, ainda que possam rastrear-se tendências. No Brasil, os nomes ligados à mitologia clássica assumem, de um modo geral, o desejo de ostentar cultura e ligação às raízes clássicas (Encarnação, 2011, p. 301-312); na Roménia, a profusão de nomes próprios latinos constituiu forma de resistência à influência eslava...

Poderá considerar-se Homero um símbolo da cultura grega; proponho-me, por isso, referir-me à edição em língua portuguesa de uma das obras mais significativas de Pierre Carlier e apresentar breves apontamentos sobre o reflexo dos temas e da onomástica homéricos em mosaicos e na epigrafia, com especial incidência na Lusitânia ocidental.

2. A edição portuguesa de Homero (vd. Figura 1.)

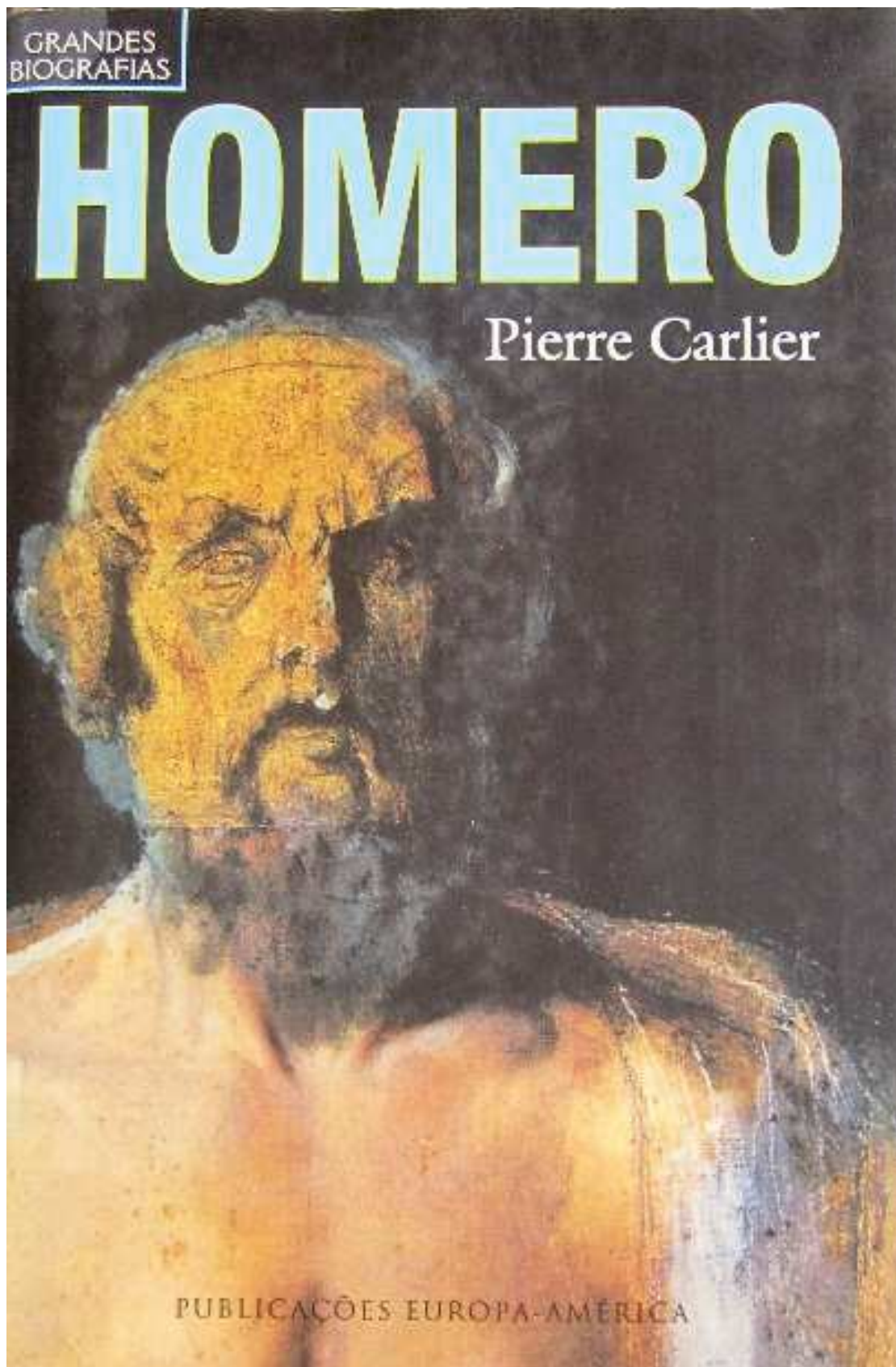


Figura 1. Capa da edição portuguesa de Homero. Fonte: José d'Encarnação.

Excelente apresentação gráfica, 302 páginas de muito fácil leitura, capa rígida, o livro mereceu a maior atenção por parte do editor.

Trata o I capítulo do enquadramento histórico, traçando uma panorâmica do que se conhece acerca do período que vai desde o mundo micénico às cidades arcaicas, com especial realce para as características da «Idade do Bronze no mundo egeu».

No II capítulo, «Génese e transmissão dos poemas», analisa-se a tradição da poesia oral e, conseqüentemente, como poderiam ter sido compostos os poemas homéricos, como foram passados a escrito e transmitidos, para, a terminar, se discutir a eterna questão: existiu Homero? Houve um poeta para a *Ilíada* e outro para a *Odisseia*? Conclui P. Carlier:

«A hipótese mais simples é, pois, atribuir as duas epopeias a dois aedos diferentes. O poeta da *Odisseia*, que conhece bem a *Ilíada*, procurou rivalizar com a arte do seu grande predecessor, mas também marcar a sua distância em relação às concepções políticas e religiosas deste último.» (p. 83).

Sintetiza-se, no III capítulo, o conteúdo dos 24 cantos da *Ilíada*. No capítulo IV, ao invés, P. Carlier demora-se numa análise mais pormenorizada, não apenas no que concerne à estrutura do poema mas também explicitando as errâncias de Ulisses, os dados geográficos que aí se podem colher, o significado mais profundo dos conflitos em Ítaca.

Servem esses capítulos, de certo modo, de introdução ao grande capítulo V, que se debruça sobre o que, na verdade, como historiadores, mais nos interessa saber: constituem os poemas fontes fidedignas para se traçar o retrato das «sociedades homéricas»? A casa, a vida quotidiana económica e política, o vocabulário, as manifestações religiosas pessoais ou ritualizadas, a guerra, a justiça, os conceitos ideológicos que a tudo estão subjacentes? ...

Finalmente, no capítulo VI, «Homero e a história», pergunta-se se, na verdade, houve mesmo uma «guerra de Tróia» e se, no fundo, algo há de comparável entre estes escritos e o que a Arqueologia vem dando a conhecer. Pierre Carlier pensa que sim:

«A *Ilíada* e a *Odisseia* são documentos excepcionais para reconstituir a história a curto prazo do alto arcaísmo, para recordar a evolução a longo prazo dos reinos micénicos para as cidades gregas clássicas e, mais geralmente, para estudar a civilização grega no seu todo.» (p. 250).

E conclui:

«Homero ensina ao mesmo tempo que encanta: os Gregos tinham razão para atribuírem ao poeta o lugar central na sua cultura e nós devemos mantê-lo no cerne da nossa.» (*ibidem*).

Interessantes anexos sobre os documentos minóicos, uma tábua de Micenas, os escribas, a classificação das tábuas em linear B, um exemplo de análise global que se centra nas operárias palacianas, as funções e os títulos micénicos, assim como uma bibliografia exaustiva, um índice onomástico, os mapas e as ilustrações complementam eficazmente um volume que é, sem dúvida, do maior interesse.

3. Os temas e a onomástica homéricos

3.1. Nos mosaicos

Assiste-se, no século IV, como Jean Gagé (1964, p. 250 e 262) bem o salientou, a uma espécie de primeiro renascimento clássico e pagão; daí que a cultura e as virtudes políticas sejam alvo de amplos

elogios (Neri, 1981). Haviam-se perdido, contudo, muitas informações e tornava-se, por isso, necessário identificar personagens mitológicos que já não fariam parte do quotidiano ou que, dele fazendo parte, poderiam ser de difícil figuração.

Na verdade, como muito bem explicitou Pierre Carlier (1999, p. 10-11), « (...) si la figure d'Homère restait assez floue pour les Anciens (en dépit des Vies romanesques auxquelles leurs auteurs mêmes ne croyaient pas vraiment), les deux grands poèmes homériques ont été dès le IV^e siècle av. J.-C. à coup sûr, et probablement dès le VIII^e siècle, au cœur de l'éducation et de la culture grecques. Au V^e siècle, les enfants athéniens apprenaient à lire sur des extraits d'Homère, et à jouer de la cithare en récitant des vers d'Homère (...)».

Não admira, pois, que sejam frequentes, nos mosaicos de *villae* do século IV, cenas relativas a passagens dos poemas, sendo privilegiada a representação de Ulisses atado ao mastro do seu barco para fugir à sedução do canto das sereias, de que temos um exemplo, achado na *villa* de Santa Vitória do Ameixial (*Conventus Pacensis*) e que se encontra no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa (Alarcão, 1983, p. 203).

Valerá a pena interrogarmo-nos, a este propósito, se a doutrina cristã já então corrente não haverá exercido nessa opção a sua influência. Não será ilegítimo pensar que, a exemplo do que fez Santo Agostinho em relação aos miliairos romanos, servindo-se deles para os seus sermões (Salama, 1988), os Padres da Igreja hajam utilizado a cena de Ulisses e das sereias para incitarem os Cristãos a não sucumbirem às tentações. Aliás, Pierre Carlier o deixa entender quando escreve:

«Les Sirenes ressemblent au serpent de la *Génèse* puisqu'elles causent la perte des humains en leur promettant le savoir» (1999, p. 213).

Mais admirável ainda será o magnífico mosaico identificado na aldeia de Vichten, no Luxemburgo: um painel apresenta as nove Musas identificadas com legenda, em registos octogonais que envolvem o medalhão central onde estão representados Homero e Calíope (vd. **Figura 2.**), que, segundo uma lenda, seria sua mãe (Güntheroth, 1995).

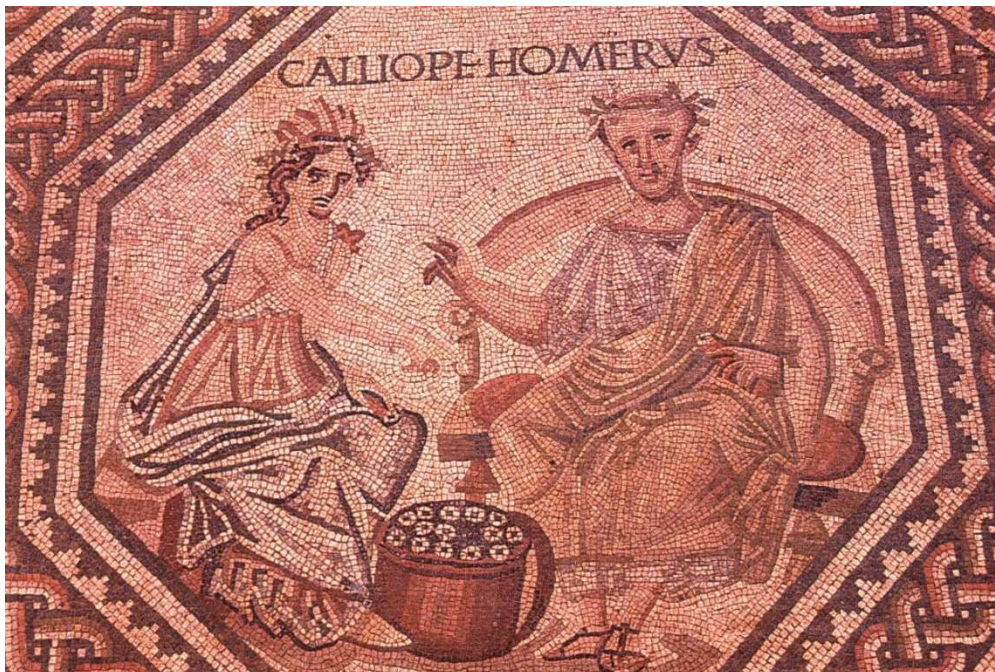


Figura 2. Pormenor do mosaico identificado no Luxemburgo (in Stern). Fonte: José d'Encarnação.

3.2. Na epigrafia do conventus Pacensis

É, contudo, nos monumentos epigráficos que os ecos dos poemas homéricos mais se fazem sentir.

Não é minha intenção fazer uma pesquisa sistemática acerca da atribuição, a pessoas, de nomes retirados dos poemas homéricos. Seria necessária, antes de mais, uma recolha exaustiva dos nomes consignados em ambos os poemas e, depois, cingindo-nos a um espaço geográfico determinado, tentar ver – mormente nos epitáfios – quem se identifica, e como, com esses nomes. Essa análise repetir-se-ia em variados pontos do antigo Império Romano, de modo a, no final, se ter uma ideia mais precisa do que foram, então, as correntes culturais.

Poder-se-ão, a título de exemplo, assinalar alguns testemunhos retirados das epígrafes do *Conventus Pacensis* (Encarnação, 1984).

– IRCP 41 (Quinta de Marim, Olhão): em cupa de calcário, *Patroclus* toma a iniciativa de mandar lavar o epitáfio de *Avintina*, falecida aos 35 anos (vd. **Figuras 3 e 3a**). Não há indicação de parentesco, o que deixa suspeitar tratar-se de um casal de escravos.



Figura 3. Cupa funerária em que se refere um *Patroclus*. Fonte: Guilherme Cardoso.